

Como a inovação humana funciona



Deirdre McCloskey

Apresentada em 12 de novembro de 2021, na 7ª Semana de Inovação: "Ousar Transformar".



Moderador da palestra:
Diogo G. R. Costa

Resumo da palestra: Os principais tópicos abordados nesta palestra são relativos à importância da inovação. McCloskey apresentará sua visão sobre como grandes desafios da humanidade, por exemplo, pobreza e tirania, e como o retorno a valores liberais e iluministas, de liberdade e prosperidade, podem nos apoiar na superação de crises.

Palavras-chave: Inovação; Valores liberais; Liberalismo



DIOGO: Nós vamos ouvir sobre a importância da inovação. Eu vou começar chamando Deirdre McCloskey, convidando-a a apresentar a sua visão sobre inovação. McCloskey é professora emérita de Economia, História, Inglês e Comunicação na Universidade de Illinois, nos Estados Unidos.

Segundo a própria Deirdre, ela é uma mulher literária, quantitativa, pós-moderna, de livre mercado, episcopal, progressista, nascida no meio oeste americano e que já foi um homem. Autora de diversos livros, McCloskey apresentará sua visão sobre como grandes desafios da humanidade, por exemplo, pobreza e tirania, e como o retorno a valores liberais e iluministas, de liberdade e prosperidade, podem nos apoiar na superação de crises. Professora McCloskey, muito obrigado por estar aqui hoje conosco. A palavra é sua, Professora.



DEIRDRE: Estou muito satisfeita de estar de volta ao Brasil, mesmo que virtualmente. Obrigada, querido. Eu gostaria de começar com alguns aspectos: nos tornamos ricos, mesmo no Brasil, por causa da inovação. Não apenas por causa dos investimentos, embora, seguramente, investimentos sejam importantes para algumas coisas, como por exemplo, para ferrovias, mas por causa da criatividade humana, da capacidade inventiva humana. Isso é contrário à visão da professora Mazzucato, que é a visão de progresso na América Latina, e de John Maynard Keynes, na Inglaterra, dentre outros. A inovação não provém diretamente das organizações e, certamente, não vem do Estado. Afinal, este é um ponto um tanto óbvio: uma nova ideia de investimento, ou uma nova ideia de organização da força de trabalho, ou uma nova ideia na ciência ou na música, vem de alguém, da mente de uma pessoa.

Claro que, quero dizer, não há nada de controverso nisto, de modo que o único papel que o Estado pode ter, que é o enfoque dado pela professora Mazzucato, é o de criar o ambiente adequado para que a criatividade individual possa florescer. Agora, para alguns projetos, o Estado é necessário.

Eu não sou uma anarquista. Eu acredito que há um papel para o Estado. Por exemplo, nós não teríamos a bomba atômica nos Estados Unidos sem o projeto Manhattan. E, de fato, esse único exemplo, o projeto Manhattan, encorajou o entusiasmo pela gestão estatal de inovações desde então. Mas, a maioria das inovações em economia, por exemplo, por sua conta, por minha conta, vêm de empresas individuais e, dentro delas, de pessoas criativas.

Eu e Alberto Mingardi escrevemos um pequeno livro, de umas cem páginas, analisando em detalhes os exemplos da professora Mazzucato, com sua devida comprovação, como deve ser, e, além disso, analisando a teoria por trás de seus casos, os quais poderiam ser no Brasil ou em qualquer outro lugar em que as políticas de inovação sejam impostas por instrumentos coercitivos do Estado. Eu também posso comentar que o Estado brasileiro atual não tem os melhores instrumentos, mesmo para as propostas de Mazzucato.

Mas ainda, considerando o que ela diz... ela diz que alguém em Washington ou em Brasília sabe muito melhor como orientar suas inovações, como ter novas ideias, do que os empreendedores ou engenheiros “no campo”, na linha de frente das atividades econômicas. Esta é uma presunção antiga... esta presunção de que o Estado pode fazê-lo. Isto é a base do Mercantilismo, dos séculos XVII e XVIII, estendendo-se para o século XIX.

E, em formas anteriores, era o que estava por trás das políticas econômicas da Itália, Inglaterra e China, embora, por um curto período, no século XIX até quase o século XX, tenha caído em desuso, mas voltou a ser popular no final do século XX.

Como eu diria, é uma espécie de Keynesianismo. Entretanto, eu acredito que isso seja muito pouco plausível. Portanto, eu perguntaria: “Você acha que seria uma boa ideia que houvesse uma agência governamental de inovação, com poderes coercitivos, para a música, por exemplo? Isto garantiria o melhor futuro para a música no Brasil ou para a língua Portuguesa? Ou ainda, seria uma coisa boa ter alguém em um escritório central, decidindo qual deveria ser a conjugação dos verbos “ser e estar” no português brasileiro?”. Dessa forma, eu acho que é bastante óbvio que estas não seriam ideias muito inteligentes. A mesma coisa se aplica à amizade.

Você acha que deveria haver uma agência de planejamento de amizade, que diga: “Eu acho que você deve ter esse tipo de amigo e não é permitido que você tenha aquele outro tipo”. Além disso, aqui está algum dinheiro para te encorajar a ter certos tipos de amizade”.

Então, eu acho que o caso é que este tipo de “iluminação” do poder central, este modesto planejamento central – não muito modesto, na verdade – o qual ela (Mazzucato) propõe, é insensato, uma vez que nos saímos muito melhor na música, ou nas línguas, ou na amizade, assim como na economia, ao permitir que as habilidades criativas de cada um de nós interaja nos mercados, ou de outras formas, com o prestígio e assim por diante, desenvolvendo outras formas de cooperação, que é o que é o mercado. Tendo isto em vista, eu acho que esta é a melhor política para o Brasil, para que finalmente se torne o país do futuro, que é o que sempre dizem, e em outras palavras, para ser um país enriquecido de todas as formas, na música, como na economia.

Portanto, é o que eu acho da proposta da professora Mazzucato, embora seja inevitavelmente popular com os que estejam no poder, uma vez que os poderes constituídos gostam da ideia de serem responsáveis pela inovação, e apesar de parecer plausível para os brasileiros comuns, pois, afinal de contas, todos temos que planejar nossas próprias vidas.

“Então, porque não planejamos a vida nacional? Eles não são adultos? Eles não são sensatos?” Mesmo em nossas próprias vidas, ao menos eu posso dizer por mim, e estou segura que vocês concordariam, nossos planos raramente dão certo. Assim, não é sensato usar o exemplo ou a analogia com o indivíduo, para toda a complexidade de um país. Dessa forma, eu os convido a ouvi-la. Na verdade, ela não quis debater comigo, o que é uma pena, pois poderíamos conversar de forma frutífera sobre a língua Portuguesa ou a música, música inovadora ou ideias inovadoras, na ciência e na arte... nós poderíamos testar a visão uma da outra. Muito obrigada! E, por favor, permita-me voltar a seu esplêndido país.



DIOGO: Muito obrigado, Professora McCloskey. Eu poderia fazer algumas perguntas?



DEIRDRE: Claro! Pergunte! Eu sou a “senhora respostas”. Eu posso responder qualquer coisa sobre sua vida amorosa, ou qualquer outra coisa.



DIOGO: No que concerne aos tipos de inovação, há inovações que podem ter diferentes vieses políticos. Então, podemos pensar sobre Peter Thiel, que diz que a criptografia é uma forma de tecnologia mais libertária, enquanto que a inteligência artificial é um tipo mais autoritário de tecnologia. Você vê isto num futuro próximo? Estes tipos de forças poderiam transformar nossa sociedade em direção à mais liberdade ou mais autoritarismo?



DEIRDRE: Bem, essa é uma analogia muito interessante, que eu nunca tinha escutado antes. Mas, há outras analogias similares por todos os lados. Quero dizer, como mencionei anteriormente, por exemplo, na vida familiar, precisamos planejar, e a mãe e o pai precisam estar no controle. E, esta analogia da mãe e do pai, é o que Lenin tinha em mente, e assim como Marx e Raúl Prebisch.

E, como você sugeriu, é uma tecnologia de cima para baixo, como a inteligência artificial. De fato, o uso da inteligência artificial é para nos seguir, influenciar e gravar nosso consumo, detalhadamente, assim como vemos na China. Eu estive na China algumas vezes e é bastante chocante quão profundamente o Estado quer ir nas vidas dos cidadãos comuns. Portanto, eu acho que a visão da professora Mazzucato, seguramente, concordaria comigo que é horrível na China, mas afinal, eu acho que é um passo na direção da construção daquele autoritarismo de cima para baixo. E, embora meu exemplo pareça extremo, do Estado governando as amizades, esse é o objetivo de Xi Jinping, uma vez que ele está muito interessado em intervir nas alianças, digamos, nas alianças pessoais, para atingir seus objetivos.



DIOGO: Professora McCloskey, em diferentes épocas, as fronteiras da sociedade foram, por vezes, as partes mais inovadoras da sociedade. Dessa forma, nós vimos isto na Califórnia, nos EUA, e mesmo na Ásia Oriental. Agora que não temos mais fronteiras geográficas, Como você vê o papel exercido pelas fronteiras nos processos de inovação modernos?



DEIRDRE: Bem, há um famoso discurso na história da Academia Americana, no ano de 1890, feito por um professor chamado Turner, no qual ele narrou, há mais de cem anos, o fim da fronteira geográfica nos Estados Unidos, quando a maioria do Oeste dos Estados Unidos estava ocupado. E o ponto é que, no mundo moderno, como temos observado, quase não há fronteiras que não possamos alcançar muito facilmente, seja fisicamente ou por meio de uma chamada por Zoom. “Então, onde está a fronteira?”.

E eu acredito que a fronteira, como você sugeriu, seja intelectual, que esteja em nossas mentes. Portanto, as políticas de governo são simplesmente perigosas, pois elas vêm para dizer a você como orientar suas ideias. Na verdade, alguns anos atrás, eu conversei com um jovem empreendedor, não exatamente da área de marketing, mas da área de venda a varejo, e ele estava aconselhando pessoas com técnicas assistidas por computador, dentro de suas lojas, sobre como fazer as coisas acontecerem. Então eu perguntei a ele: “Como você lida com os reguladores?”. E ele disse, “Ah, nos computadores, sabemos mais do que os reguladores, portanto, podemos sempre ficar um passo à frente deles. Então, ao invés de pedir permissão para implementar alguma técnica nova, nós pedimos perdão, depois que já implementamos a técnica e ela funcionou muito bem”. Nesse sentido, eu acredito que esta seja a forma com a qual as coisas devem ser feitas ou organizadas, para reunir as habilidades criativas que são imensas em indivíduos brasileiros. Assim, você não pode estar mandando neles o tempo todo.



DIOGO: “Qual é o papel da filantropia quando se trata de inovação?”. Por exemplo, na América, grandes fortunas, às vezes, são convertidas em doações filantrópicas, que vão para as artes ou para as ciências.

Além disso, muitas delas acontecem com algum tipo de subsídio fiscal do governo. Assim, “Como você vê este tipo de política?”



DEIRDRE: Bem, eu suponho que eu seja a favor destas políticas. Por exemplo, eu tenho sido patrocinada por elas durante toda a minha carreira, portanto, eu estaria sendo falsa se dissesse que as vantagens fiscais das contribuições para as artes e para universidades nos Estados Unidos são uma má ideia. Mas, eu acho que, provavelmente, elas são uma má ideia. O problema é que, na maioria dos países, e eu acho que isso também é verdadeiro para o Brasil, o Estado assumiu o controle desses objetos culturais, mais especificamente da alta cultura, museus de arte, e assim por diante.

E isto, como eu estava dizendo, tem seus perigos. Nesse sentido, há duas formas de persuadir as pessoas a fazerem as coisas que você quer que elas façam. Uma delas é pegar uma arma e ameaçá-las. E, esta é a forma do Estado. Eu disse a vocês, eu não sou anarquista, uma vez que eu acredito que o Estado tenha seu papel, mas eu acho que isso é muito perigoso, porque é um papel de coerção.

É um método coercitivo. Ademais, a outra forma, que é a única outra maneira que temos, eu chamo de “conversa doce” ou troca, mas elas são a mesma coisa. Como Adam Smith disse, nós oferecemos às pessoas dinheiro ou uma conversa persuasiva, para persuadi-los a fazer o que queremos que eles façam. E esta é a forma das artes e das ciências. Então, eu fico muito preocupada quando os bilionários ou o Estado estão envolvidos. Entretanto, eu devo dizer que eu fico menos preocupada quando os bilionários estão envolvidos, porque, novamente, eles não têm o poder das armas. Em outras palavras, eles não têm o poder da coerção. O real perigo não vem das grandes corporações fazerem volumosas contribuições para as artes, ou que pessoas ricas como Gates, tentar curar a Malária, ou algo assim. O grande perigo é, como vocês descobriram no Brasil, nos últimos anos, o poder do Estado.



DIOGO: Bem, Professora McCloskey, muito obrigado por conversar conosco hoje, com toda a sua doçura, e eu espero que, na próxima vez, seja pessoalmente, aqui ou em alguma outra cidade brasileira. Muito obrigado!



DEIRDRE: Eu quero comer a comida brasileira novamente. Quero ouvir a música brasileira, ir a uma aula de Samba...



DIOGO: Nós vamos garantir que isso aconteça! Muito obrigado!

